

O MURMURIO.

PERIODICO LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

(PROPRIETARIO—A. P. DE S. PEDERNEIRA.)

N.º 15.

AGO 5 TO 1.

1856.

GUTTA-PERCHA.

Cette substance . . . est appellée à rendre de grands services. . .

Guibourt — Hist. des
Drog. Simpl., II. 546.

ENTRE as substancias d'origem vegetal, de que hoje se está fazendo um uso muito multiplicado nas sciencias e nas artes, figura de certo na primeira plana a GUTTA-PERCHA, ou *gettania* por outras palavras ainda. — E é-nos fornecida esta substancia pela arvore *niato*, que se acha nas montanhas de Singapur, de Bornéu, e das ilhas Malésias em geral, a qual pertence á « familia natural » das *sapotéas*, e ao « genero » *isonandra*, constituindo a « especie » *isonandra gutta*, na terminologia botanica latina, segundo a designação primitiva devida a Hooker.

É uma arvore de luxuoso aspecto, de folhas verdes superiormente e douradas na parte inferior, de flores com propriedades medicinaes e dotada d'um oleo concreto nos fructos, do qual fazem os indigenas um uso comestivel extenso, fazendo todavia maior uso ainda da sua « seiva », a qual é para elles, com effeito, a parte a mais importante d'esta arvore, de cuja madeira, fraca e porosa, mal podem fazer elles uso nas construcções.

A descoberta d'esta substancia, de que hoje se falla com a maxima frequencia, foi annunciada em 1843 na Inglaterra, á sociedade das artes, pelo dr. Montgomery, a quem a dita associação fizera então premiar com a distincção d'uma medalha d'ouro.

E deu-lhe elle em Singapur, na Asia, onde primeiro a havia descoberto, o nome trivial de *gutta-percha*, a composto de duas palavras do dia-

lecto malaio », em attenção ao nome GUTTA da substancia fornecida pela arvore, e ao nome PERCHA da arvore que a fornece, « nome que deve lêr-se PERCA e não PERXA, como é que muito geralmente se costuma ouvir pronunciar entre nós ».

Em França, apenas esta substancia se conheceu pela primeira vez em 1846, sendo para alli trazida então pela commissão franceza de commercio, a qual por esses tempos havia sido enviada á China. — E n'este nosso Portugal, foi a *gutta-percha* pela primeira vez conhecida em 1852, epocha em que muito a vulgarisara entre nós o distincto cathedratico da polytechnica de Lisboa, o sr. Fradesso da Silveira.

A maneira da extracção d'esta substancia, util a não mais, é altamente facilissima e prompta. — Fazem-se incisões na arvore de distancia em distancia, e recebe-se o liquido lactescente que d'ella resulta logo, em vasilhas apropriadas, onde elle se coagula com promptidão, apenas exposto ao simples contacto do ar. — E n'este estado, tem a *gettania* ou *gutta percha* um cheiro muito desagradavel de queijo azimado; uma côr entre branca e escura por fóra, mas branca-amarellada ou branca-avermelhada por dentro; e uma consistencia um pouco dura no exterior e um pouco molle na parte interior. — Risca-se com a unha; é muito tenaz; e torna-se muito flexivel, quando acaso reduzida a laminas extremamente delgadas. — E com quanto dura como a madeira branca em geral, quando apenas actuada por uma temperatura de 50° de Fahrenheit, (10° do Centígrado, e 8° de Reaumur); torna-se, todavia, tão amollecida a *gutta percha*, « quando acaso sujeita a uma temperatura de

60° a 75° do Centígrado», que então se pode fazer d'ella o que se quizer, dando-lhe todas as formas ideaveis. — É mais especialmente n'este ensejo, que ella dá então a conhecer um cheiro analogo ao d' *borracha* ou *gomma elastica*, ou *coutchouc* dos naturalistas, (cahatexuque na nossa pronunciação) de cuja substancia differo contudo, já pela sua consistencia pastosa, já pela sua pouca elasticidade, já pela sua insolubilidade no éther, e já por ser muito mais solúvel na essencia de terebintina, alem de ser fornecida ainda por plantas muito differentes do *miato*, entre as quaes sobre-sahe a *Jatropha elastica* de Linnæu, *hevea guianensis* d'Aublet, da familia natural das *tithymalus*.

A duração da *gutta-percha*, artisticamente considerada, pôde dizer-se indefinida. — E n' se lhe querendo dar acaso fórmulas novas, depois das que por ventura se houverem deteriorado; basta amollecet a em agua a ferver, e moldal a ao depois de novamente. — Pois ella então se torpa mui ductil e malleavel, sem se tornar viscosa, e com a maior plasticidade para todas as fórmulas, as quaes perfeitamente conserva depois d'arrefecida: — arrefecimento pelo qual adquire e conserva tal solidez e tal tenacidade, que chega a resistir a quaesquer esforços que acaso então se impreguem, para tentar a sua respectiva destruição.

São por isso, pois, quasi infinitas já hoje, por a variados e por exquisitos », os usos artisticos e scientificos da *gutta-percha* — Na chirurgia usa-se dissolvida no chloroformio, para curativo de feridas e arranhaduras. — Usa-se em velinhas, em sondas, em canulas, em pessarios, e n'outras muitas applicações clinicas, de muitas das quaes tem colhido mui felizes resultados a medicina operatoria. — Na chymica, faz-se um uso mui extenso da sua propriedade especial de ser inattacada, ainda pelos corpos mais destruidores, construindo-se com ella vasos para liquidos, tubos para apparatus, e mui diversos utensilios ainda. — E na industria, fabricam-se d'ella jarros e bacias, bengalás, molduras de quadros e de espelhos, eba-

neos, bahusinhos e bolsas, argolas e puxadores de portas, fios e cordões, tecidos impermeaveis, capas de selins, solas para calçado, e brinquedos e bordinhos de todas as qualidades e feitios.

A *gutta-percha*, n'uma palavra, tem já tantas e tão variadas applicações; e promette vir a ter ainda um numero tam illimitado d'ellas; — que bem pôde lar se-lhe acaso o titulo d'encyclopedias fórmulas, o epitheto de Protheo industrialio das sciencias e das artes.

J. J. da S. Pereira-Caldas.

FORTUNAS COLOSSAES D'ALGUNS RICOS PARTICULARES DE ROMA.

Ce résultat si remarquable parle plus haut que tous les raisonnements.

Dupisquier — H s oir. des Eaux d'Allevar I, pag. 524.

(Continuado do n.º 14.)

V.

Entremos, pois, na discriminacão succinta do quadro social, do pinel comparativo, das fortunas descommunes da antiga Roma.

Apicio — fallecio no anno 30 depois de Christo, e ce'ebre gastrónomo no oue omilho da sua cidade, tinha uma fortuna gigante de 3:000 contos de seu: — contonlo se nas historias, que elle era d'um caracter tam gastador, tam dissipador mesmo, que só nas suas devassilões chegára a gastar a enorme somma de 1:850 contos! — E refere o grande Seneca (Consol. ad Helv. 10) d'accórlo com o celebre Marcial (Epiqr. III. 2º), e com o mui-to citado Dion (LVII. 19), que este devasso gastrónomo se suicidára com veneno, quando chegára a vér a sua riqueza reduzida a 320 contos apenas, receitando por isso morrer de fome, no meio d's seus continuos excessos! — E foi este celebre comilão de Roma, o que nos tempos d'Augusto e de Tiberio abríra n'aquella cidade uma escola publica de glotoneria, e que então escrevêra a sua celeberrima obra sobre o avivamento e a incitacão do appetite, DE GULAE IRRITAMENTIS. — As famigeradas *tortas apicias*, outrora mui estimadas da gastronomia romana, foram invenção culinaria do nosso gastrónomo da cidade dos sette montes,

ao qual sem fundamento se ha feito auctor tambem d'aquelle memorado segredo, d'aquelle antiga receita affanada, da conservação indefinida das "estras frescas", de que muito se gostava em Roma. — Este segredo, porém, foi receita apenas descoberta por outro celebre gastrônomo do mesmo nome, que florecera nas glorias e ulanarias em tempos de Trajano, ao qual uma vez fizera um mimoso presente das "dictas estras frescas", estando então este imperador a muitos dias de distancia das costas do mar (Juvenal, II. 2.; Plinio, IX. 17, e X. 18).

Augusto — fallecido, no anno 14 depois de Christo, e não só *augusto* na dignidade e no nome, senão ainda igualmente nas immensas riquezas que possuía, deixou por sua morte uma fortuna descomunal. por *Tacito* elevada á gigantesca somma de 32:000 contos! — E nem, por certo, deixará causar-nos admiração esta sua immensa fortuna, se nós acaso nos recordarmos, que o mesmo imperador *Augusto* viera a receber, no espaço de 20 annos, e em sós presentes e heranças, a enorme quantia de 16:000 contos pelo menos! — Só ao povo romano deixára elle, como do seu testamento se nota, uns 1:240 contos, deixando uns 108 e meio aos cidadãos pobres da sua capital (*Tacito*, Ann. I. 8. *Suetonio*, Vit. Aug.) — E acrescentaremos ainda, para não deixarmos em simples esboço o nosso quadro, que por então subiam as rendas do imperio do mundo, dos dominios amplissimos do povo-romano, a enorme somma de 128:000 contos, chegando a ser ellas ainda de 1:120:000 contos nos tempos de *Vespasiano*, o qual avaliava em 1:240:000 contos, na occasião da sua elevação ao throno dos cesares, as despesas geraes do seu estado colossal! — Somma esta tam enormissima, na verdade, que a mesma intelligencia parece recusar-se a acreditar, parecendo a mesma imaginação recusar-se a concebê-la! — Não será, todavia, não será preciso haver de suppor-se, com *Eudem* e com *Justo Lipsio*, que de facto se dera algum engano de cifras, na contagem que d'isto fizera o celebre *bio-grapho dos csesares*, se a caso uma vez attentarmos bem na vastissima amplitude do imperio do povo romano, "do povo que fôra de facto tanto á larga, (*populum latè regem* Virg. *En.* I. 25)", e nas grandissimas despesas lançadas d'uma administração assim colossalissima!

(Continúa.)

J. J. da S. Pereira-Caldas.

PARALLELO ENTRE O PADRE VIEIRA E OS PRINCIPAES HISTORIADORES.

"Muitos historiadores tem visto o mundo; mas nenhum sem faltas na enpreza da sua historia".

Escreveu *Herodoto* a dos egypcios; *Thimettu* siculo a dos gregos; *Micheu* a dos tartaros; *Cardiano* a dos macedonicos; *Livio* a dos romanos; e *Volusio* a de diversos imperios: — mas não com tanta fortuna, que faltasse quem dissesse, que *Volusio*, na confusão com que se explicára, corrompêra a natureza da historia; que *Livio*, na sujeifluidade das palavras, desprezára os preceitos da oração; que *Cardiano*, na propensão para a lisonja, diminuíra a estimação á obra; que *Micheu*, na ligeireza com que escrevêra, deixára a curiosidade sem noticias; que *Thimettu* siculo, na affectação da phrase, adulterára a pureza da narração; e que *Herodoto*, na incoherencia dos successos, fizera duvidosa a fé dos seus escriptos".

"Porém, no grande Padre *Antonio Vieira*, é tal a felicidade, que assim nesse, como nos mais papéis seus, se acha sempre proporção sem repugnancia, que não teve *Herodoto*; phrase sem affectação, que não teve *Thimettu* siculo; inteireza sem falta, que não teve *Micheu*; liberdade sem lisonja, que não teve *Cardiano*; abundancia sem superfluidade, que não teve *Livio*; facilidade sem confusão, que não teve *Volusio*; e discrição com gravidade, que elle só teve".

D. José Pereira de Lacerda, Prior-mór da Ordem de Sanctiago em 1710.

DUAS PALAVRAS SOBRE GALLICISMOS.

Gloria, gratidão e amor aos que, por si e pelos outros, procurarem repor a nossa lingua — e mais poderosa e senhoril — no throno donde rebeldias de mandriões affrontosamente a derubaram.

A. F. De Castilho.

Continuado do n.º 13.

IV.

Oh! de certo se es nosos bons velhos, se aquelle grande P. Antonio Vieira (2) que

(2) Opensamento é de Filinto Elisio, que o desenvolve com admiravel força e graça — O estylo de Vieira todos sabem que tem muitas defeitos e não é por modo algum para imitar-se, geralmente considerado, ainda que ha nelle muito que estudar; porém a lingua portugueza ninguem, des que ella se formou, a conheceu melhor do que elle; ninguem a maneja mais habil, mais magistral e portuguezmente.

sebis portuguez como trinta academias, se surtisse hoje e se pozesse a ler os escriptos d'alguns aperalvilhados litteratos de nossos dias, como seria de ve-lo, indignado, amaldiçoar essa raça de estrangeiradões e levianos escriptores, que ousam expor á irrisão, descomposta e esgrouviada, a ancian e veneranda lingoagem que elle, e Barros e Camões tanto s'esforçaram em adornar com decorosas galas, e revestir de magestade senhoril! Quanto lbe seria amargo acreditar que os portuguezes, os seus portuguezes que elle amava com estremado patriotismo, os descendentes de tantos heroes que se empenharam com toda a alma no engrandecimento desta terra, tinham levado o desamor da patria até desodorar a lingua materna. lingua da sua nação, este derradeiro bem nacional, a que um povo, ainda vencido e tyrannizado, se abraça como á urna das suas glorias e tradições! . . . Ah! desprezar a lingua patria é sem duvida nenhuma um crime, um crime a que não devemos associar-nos, contra que devemos protestar energeticamente, nós, quanto timbramos ainda de portuguezes, e amamos a honra, a historia, o nome de Portugal; para isto não havemos de mister sei litteratos, nem sabios, basta-nos ser filhos desta terra, e ter uma vez lido Camões e Barros, cujas immortaes obras, que são o nosso ultimo orgulho nacional, os impios querem sepultar no esquecimento destruindo a lingua em que estão escriptas! . . . Jovens estudantes bracaraes que ledes estas linhas dictadas por um zelo sincero, tanto mais sincero quanto menos filho de pretensão alguma litteraria (porque eu não sou nem espero nunca de ser litterato) jovens briosos que vos propoendes ser diligentes cultores das letras patrias, recebei um conselho, ou se me achaeis ainda mui novo para dar conselhos, attende a uma rogativa, que vos faz do fundo d'alma um vosso antigo companheiro! O vosso coração está puro, as aspirações da vossa alma ainda são nobres e immaculadas, ainda vos não contaminou o basejo corruptor do egoismo. vós sabeis comprehender me! . . . O SEGUNDO DEVER D'UM ESCRIPTOR E' SER PATRIOTA (e digo o segundo, por que o pri-

meiro, quem ignora que é ser religioso e respeitador da moralidade e decencia?): ainda que sejais pois os mais insignes litteratos, se não tiverdes patriotismo, se vos não inspirardes nelle em vossas producções, se não trabalhardes para elle e por elle, ninguem vos invejará a fama e ao tribunal dos homens rectos e bons sereis sentenciados ao desprezo! Talvez será admirado o vosso engenho, talvez o cunho do genio preservará as vossas obras da morte e do esquecimento: porem, attentar bem nisto, o vosso caracter (3) só terá deshonra, e as vossas obras passarão de geração em geração para fazer conhecer a todos o quanto fostes criminosos em não tirar as vantagens que possíeis e devíeis tirar do talento que Deos vos depositara nas mãos (4). Ora, não podereis nunca ser escriptor patriota, se não prestardes á lingua materna e á litteratura patria, onde se resumem todas as tradições e glorias nacionaes, um culto assiduo, fervoroso, um culto di-rio, nunca interrompido, um culto sin-

(3) Quando é que os homens se hão de persuadir que o caracter religioso e moral está antes de tudo? Causa pena e lastima ver como alguns se affinam por adquirir nome de litteratos ou sabios pouco cuídalosos aliás da sua elevação moral! E' uma cegueira das maiores a que pode cair um desgraçado filho de Adão. Sciencia e letras são bens puramente relativos não são todo o fim do homem, e é bem miseravel o que os toma por norte unico da sua vida. . . Supponde que ereis o auctor da Eneida, que tinheis um genio tao admiravelmente remontado como Byron; supponde ainda que ereis ao mesmo tempo sabio profundo como Leibnitz, artista sublime como Miguel Angelo e Raphael, enfim que ereis o que tem sido todos os genios e grandes talentos cultivados, mas que (coisa mais que muito possivel) no vosso caracter não havia honestidade, não havia religião, não havia honra. . . . Desejaveis ver isso? Pois eu preferia com todas as forças da minha alma ser simples e ignorante como Jozé Labro uma vez que como elle amasse a Deus!

(4) Não ha maior luctura do que vangloriar-se e desvanecer-se um com o talento — dom puramente gratuito que não augmenta em si o nosso merito, antes torna mais grave a nossa responsabilidade. Como somos ingratos e miseraveis em querermos passar por oradores, poetas, sabios, sem nos importar de ser bons e proveitosos sabios, poetas e oradores! . . .

ceros, interno e externo, privado e publico que nisso mesmo é que consiste o patriotismo do escriptor. Não seja pois em terra estranha que vades receber a vossa educação litteraria, não seja em outros montes e templos que não os nossos, os muito nossos, que vos vejam invocar as musas e o genio das letras e da sciencia; procura e embora tudo o que la pelo estrangeiro achardes bom aproveita e todas as ideias sans e luminosas, todos os descobrimentos uteis e vantajosos, todos os exemplos dignos de imitação, aproveita e trazei para a nossa terra quanto disser com o nosso orgulho de portuguezes; porem nunca entibieis o amor da patria, e percorrendo solos estrangeiros, não vos esqueçais do que vos viu nascer, e vos tem ainda na conta de filho; não deixeis jamais extinguir-se ou transformar-se em vós o espirito patriótico, e tudo o que na nossa terra queiraes admittir seja já bem nacionalizado, dai-lhe forma e sentido portuguez, tirai-lhe tudo o que saiba a estrangeiro, e soprai-lhe um novo espirito, uma nova vida. O meio unico de aproveitar-mos todo o bom das litteraturas estranhas, antigas e modernas, sem desnacionalisar a nossa, é conservarmos á lingua o seu caracter profundamente portuguez, é esforçar mo-nos para que ella seja sempre, e cada vez mais, a expressão do nosso genio, dos nossos costumes, do nosso espirito, do nosso orgulho patrio. Para isso, não cumpre só evitar os termos e phrases que desdizem da sua analogia e indole, mas sobre tudo fugir desse pensar francez e de que falei no principio deste artigo e que é um principio de alteração radical no genio da nossa lingua. No artigo seguinte apontarei o modo como os escriptores novigos poderão conseguir este fim

(Continúa.)

ROMANCE.

UM DUELLO SEM TESTEMUNHAS.

(Continuado do n.º 12.)

VIII.

Uma partida tão repentina com todas as apparencias de fuga, devia surprehender a Mad.

l'Harqueville; porem attribui-a naturalmente ao mau humor de Roza, e não lhe deu grande importancia.

Todavia, a condessa tinha-se erguido vivamente do seu sophá; e, tirando do seio uma carta aberta e amarrotada, abriu-a, aproximando-se d'uma janella, e, com a vista turbada percorreu essa carta, cuja lettra conhecia perfeitamente.

Sim — disse ella — não ha duvida torna a voltar, e esta carta m'o annuncia. . . . Imprudente de mim! que a isso me não oppuz! nem lhe devolvi esta carta. Mas que posso eu fazer? como? . . . Seria forçoso confessar tudo a Roza. . . e não tenho valor. . . Não sei por que é: mas o olhar d'essa joven me intimidou! Figura-se-me que já tudo advinhou. . . e que lê no meu coração, Meu Deus! — proseguiu com voz angustiada — vós sabeis, sem duvida que não sou culpada! Não, eu não tenho nada de que me argua! não sou mais que uma desgraçada. . . muito desgraçada! . . .

E dobrou precipitadamente a carta que tinha nas mãos

Depois pareceu reflexionar por algum tempo.

É necessario devolver esta carta! . . . — disse, depois de um momento de silencio — Porem para que a abri eu? Verá que ali, e sua louca paixão, em vez de esfriar, vai recobrar novo valor! — Oh! — continuou com um estremecimento de terror — se meu marido o chegasse a saber! . . . que tristes consequencias! . . . infallivelmente um dos dois morreria! . . . O conde tam orgulhoso, tam violento! . . . oh! com uma unica suspeita, com um simples duvida. . . bastaria para ver-me perdida! oh! e se ao menos fosse eu só victima?! . . Mas não, não. . . Felix tambem morreria. . . Desventurado! e ignora o perigo que corre! . . . Se nos espiam, se nos escutam. . . Ignoro por que. . . porem nós temos inimigos! . . . Esse Humblot atemorisa-me com seu olhar cheio de falsidade, e de perfidia. . . Se esta carta tivera caído em suas mãos! . . . Felix, Felix! que imprudencia escreve-me assim! . . Pedir-me uma entrevista! . . . Meu Deus! Se eu houvera tido a firmeza de responder a esta carta. . . . Ao menos comprehenderá o meu silencio, e não me tornará a escrever mais. Agora, parece-me estar segura de que não volverá! . . .

De repente abriu-se a porta e appareceu Roza.

Trazia a physionomia pallida, e mostrava inquietação.

Senhora condessa?

Que tens Roza? . . . Por que é essa agitação? . . .

Não tenho nada. . . nada, eu vol'o juro.

Pois bem: , que ha?

Mr. Felix de Villemont está ahí. . . e quer fallar-vos. . .

Eu não posso, Roza. . . não posso rece-

be'o... nem a elle, nem a ninguem! — disse a condessa com uma especie de constrangimento — Estou enferma... dizei-lhe que estou incommodada!

Assim lh'o eu disse, senhora condessa: mas debalde... Mr. de Villemont não quer acreditar-me... diz que sou eu quem lhe fecho a vossa porta. De mais, segundo diz, tem que communicar-vos uma accusa de summa importancia... Que pode elle ter que communicar-me? — murmurou a condessa, que pareceu reflexionar alguns instantes. — Não, não eu não posso... eu não quero recebê-lo... Roza, tomai esta carta... e entregai-a da minha parte á Mr. de Villemont...

Neste momento, — Roza respondeu, estendendo o braço para tomar a carta.

Está roto o sello... aberta... perem eu não a hei lido — disse com vivacidade a condessa, quando tinha a carta na mão.

Entregai-m'a: senhora, e eu a depositarei nas mãos de Mr. de Villemont...

E Roza se agitava de impaciencia e de curiosidade, á vista d'esta carta aberta, da qual estava proxima a apoderar-se: mas que, sem embargo, sua ama não lh'a entregava. Este escripto devia encerrar um mysterio, que a joven italiana estava deseiosa de conhecer.

Muito bem, senhora — disse Roza — é necessario não levar esta carta? Mr. de Villemont aguarda uma resposta... está ahí, n'essa sala...

Madame d'Harqueville pareceu tomar uma resolucao decisiva.

Irei eu mesma — respondeu — serei eu quem lhe entregue esta carta. Roza, ficai aqui... Eu vou a encontrar Mr. Felix de Villemont!

E ao mesmo tempo a condessa se dirigiu até á porta, deixando ficar Rosa supprehendida, contrariada e lymphatica.

IX.

Quando se abriu a porta do salão, Felix apressou se a sair ao encontro da condessa, por em esta apezar da pallidez e da agitação do seu semblante, querendo affectar um continente frio e severo, entregou a Felix, a carta que levava na mão.

Cavalheiro, — lhe disse com voz tremula — tomai esta carta... e eu vos supplico que não volvais a escrever-me outras eguaes para o futuro...

Amelia! oh! que linguagem!... Vós jamais me haveis fallado d'este modo!...

No olhar e na voz de Felix havia uma tristeza profunda e indefinivel

Cavalheiro, havia julgado que ereis um amigo... eu vos olhava como irmão... e agora...

Agora! Amelia, agora sou mais que um irmão... sou um homem que vos ama, que

vos adora... — gritou Felix com exaltação.

Cavalheiro!

Oh! Hei soffrido por demasiado tempo! Meu coração está cheio d'amor e necessita transbordar! Amelia, eu não posso viver sem vós!... Amelia...

Oh! Callai-vos, cavalheiro, não me deis esse nome... Nos vossos labios e um ultraje! Eu não sou já vossa irmã...

Meu Deus! Que vos hei eu feito, para que me tracteis como a um inimigo... como á um culpavel!...

Sou o cavalheiro, sou'o, Sim: vós abuzais da minha confiança, da minha amizade, da minha debilidade... Dizei-me cavalheiro: vossa conduta conmigo não é cruel imperdoavel?... Em vez de proteger-me, como eu não, de auxiliar-me com vossos conselhos, sois o que...

Amelia! Amelia! Bem o sabeis, — exclamou Felix apoiando a fronte entre as mãos: — tenho luctado durante largo tempo! Tenho querido arrancar do coração esta paixão louca, ardente e inextinguivel! Porém ella é mais forte que eu... arrasta-me e devora-me... Oh! Tudo o que vos peço é que me olheis com piedade! Não me repulscis em non e doeu! deslizei sobre mim vistas de ternura e de perdão! Vosso despreso, vossa colera, seria para mim um supplicio terrivel.

Pois — disse Amelia com voz que ia dulcificando pouco a pouco — tende vós mesmo piedade de mim! Não atormenteis por mais tempo a uma pobre mulher, que é bem digna de compaixão!... Meu Deus! Julgais que a minha existencia é tao feliz! Como vos enganais! eu tanbem sou desgraçada! Também chorei e o que me é mais penoso, é o ver-me obrigada a occultar as minhas lagrimas! Suffoco os soluços, e apresento-me alegre... entretanto que a amargura e a dôr estortegam-me o coração!... durante isto anhele morrer!...

Morrer, vós, Amelia! Ah! não digais isso: por que eu perderia o juizo, e transformar-me-ia n'um infame... detestaria o homem que é a cauza da vossa desgraça... E sem duvida, esse homem é meu amigo.

Sim Felix: esse homem vos ama com todo o fervor de sua alma: eu voto juro. Amavos, tanto quanto elle é capaz d'amar. Assim pois não sejais ingrato. Dizei-me Felix: poderéis apertar-lhe a mão, tendo no coração uma paixão culpavel? Cada um de vossos pensamentos é um ultraje para elle, que vos chama seu irmão!...

Amelia! não, eu não sou ingrato: eu amo esse homem... ou pelo menos quizera amá-lo. Oh! Com que prazer daria eu a minha vida por salvar a sua! Porém quando penso d'este modo, é necessario que me não recorde de vós... que não ouça vossa voz seductora e maviosa... que não veja vossos olhos anegrija-

dos e cheios de lagrimas... vosso rosto pallido e entristecido. Quando penso na contristada e vazia existencia, que o matrimonio vos preparou! Quando vejo duas almas tão oppostas, uma a outra, tão profundamente antipathicas ligadas por esse nó de ferro que se não pode quebrar! ... Entao, ingenuamente volto confesso, esse homem se me torna odioso... Trato de reconciliar no coração a amizade e a justiça... quero acreditar que vosso marido é um cavalheiro honrado, de mercimento... e sem embargo, vejo-o tal qual é: zeloso, brutal, atrevido e arrebatado...

Cavalheiro, basta! Não me obriguei ouvir cousas que me offu tem, que me ferem. Meu marido pó le ter defeitos... mas qualidades... mas não é a vós, a seu amigo a quem toca o julgal o d'esse modo.

(Continúa.)

Celestino C. C. Seixas.

O MAR.

(a)

Que força hav'ra no mundo que te igual
Que poder, magestade, que grandeza!
Correa — Inspir. Poetic.

Salve! Salve! mar undoso,
Imagem da magestade!
—E's o typo da grandeza,
O pannel da immensidade!

(a)— O *Murmuró*, publicando esta poesia da exm.^a sr.^a *D. Anna de Sá*, espera e confia que a distincta poetisa das margens do Vissella, juncto ás *Caldas*, ainda haverá de conceder ás columnas d'este periodico equal permissoão como agora, para a impressão d'outras mais das suas lindas poesias. D'esta maviosa cantora nossa, de quem ainda fallaremos de espaço, é que o nosso muy conhecido poeta *A. P. Caldas* cantára na *Miscellanea Poetica*, ao receber as primeiras poesias de *S. E.* para este periodico de versos, a mimosa poesia d'este bardo nosso, a qual assim começa e acaba:

Bem vinda, cantora, bem vinda tu sejas!...
Tu' harpa sonora tem meiga expressão!
—Se cantas, sorrindo, sorriem se os anjos;
Desperta, se choras, no peito a paixão!...

Por que, pois, ó vasto mar,
Em sanha estás a rugir? ...
—Immenso, como te amostras,
Quem te pó le comprimir.

Quem limita os teus furoros,
Quem te fiz a traz volver;
Quando em serra sobre serra
Vens a praia accommetter?

Quando o ceo de negro veste,
Esuro vestes tambem!
— Quando o vento assopra, agitas
As ondas que vão e vem!

Não és tu dos elementos
O primeiro, o principal?
— Duas vezes do que é terra
Não tens tu porção equal?

N'um momento sobes, baixas,
Serras, montes valles cem!
— Desfizes, fizes n'um'stante
O que assim não faz niuguem!

Por que, pois, atroz tu volves
Teu impavilo furor;
Se em teu impulso raivoso,
Das praias ficas senhor? ...

E' = bem sei = que o Ser Immenso,
Deus e Rei da tempestade,
Barreiras te impoem mais fortes
Nos seus mandos da vontade!

E' que o mar sómente é sombra
Da divina magestade!
— Só é sombra da grandeza,
Sombra só da immensidade!

Povoas de Varzim, 15 de Dezembro de 1854.
Anna Amalia de Sá.

VERDADES.

«Esses do mundo, que sondem
«Os mil segredos d'aqui.

Camillo C. B.

Desgracado que sou / quando a ventura
Parece em torno a mim bella adejar,

Ha sempre um não sei que . . . não sei que genio
Que longe de ventura traz pezar!

E, não sei porque é! nunca o remorso
Me trouxe á mioba face a pallidez . . .
Se chora um infeliz, choro com elle,
Meu premio será assim? será . . . talvez!

E custa assim viver, que importa o mundo
Se o mundo em sorte deu, viver cruel?
Quem pôde á taça que o destino offerta,
Ir corajoso, despejar-lhe o fel?

Esperanças, não as tenho, ai, foram todas
Cortadas pelo pé logo ao nascer!
Nem uma só ficou que inda podesse
Negra taça exaurir do meu soffrer!

Nem uma só ficou, pois que essa ultima
Que, ditoso me fez instantes crêr . . .
Inda ha pouco, meu Deus, fugiu volvida
Entre escarneo, e traição d'uma mulher!

E não tenho valor! quisera agora
Entre pragas fallar d'essa infiel . . .
Chegar-lhe aos labios d'ella a taça impura,
Que em troca ao meu amor, encheu de fel?

E não tenho valor! em vão pullula
Na cabeça a vingança . . . oh! . . . é em vão!
Se a cabeça diz ao braço: — braço, ergue-te . . .
Lá vem o coração, dizer: — perdão!

Fernando Castiço.

Explicação da charada do n.º antecedente

==CALORICO==

CHARADAS.

1 } Tantos mil entre tantos inimigos
Denodados á patria regressaram,
Prodigios de valor então fizeram,
Feitos que nunca as musas memoraram.

2 } Os fillos de Pelagio antigamente
Ser aos homens precisa me negaram;
Mas as vozes da Igreja, as da verdade,
Suas impias doutrinas condemnaram.

CONCEITO.

Longo, longe de mim, que os homens todos
Infelizes tornar só tu desejas:
Quantos não vemos nós por causa tua
A ventura perder, que tu lhe invejas! . . .

Almeida Braga.

1 } Faço parte d'uma parte
De vestidos masculinos,
Hippocrates e Apelles
Conheci des pequeninos
Huma villa em Portugal
Diz-se ter um nome tal.

1 } Só me occupo em preparar
Para os homens um sustento,
Pois que sem mim não teriam
Seu principal alimento:
Ando muito, e sem parar,
Sempre no mesmo logar.

2 } —Esses robles seculares
Que a terra nos apresenta:
Esses cedros tão frondosos
Com que o Libano se ostenta!
Faltára-lhe com certeza
Sem mim a maior belleza.

CONCEITO.

Villas, cidades, aldeias,
Tuneis e pontes notaveis,
Féras, cruentas batalhas,
Feitos inacreditaveis,
Assedios, fortes, reductos,
Esquadras mui formidaveis
Tudo isso hade encontrar
Quem me fôr inspeccionar.

A. P. d'Arcajo

EXPEDIENTE.

Esta redacção espera que os snrs. assignantes, que se acham em debito, mandarão satisfazer as suas assignaturas o quanto antes, ou pelo seguro do correio, ou por outra qualquer via.

Emprezas d'esta ordem não podem sustentar-se sem o prompto pagamento dos snrs. assignantes.

Esta redacção, pois, confia muito da honradez e do cavalheirismo dos dictos snrs. assignantes em debito, que não se ha-de vêr na necessidade de suspender a publicação do *Murmurio*.

Aos snrs. assignantes d'esta cidade agradece a redacção, como deve, o prompto pagamento que sempre ha encontrado das suas assignaturas.